Estátuas e vida cívica: O caso da *Tuscia et Umbria* na Antiguidade Tardia

Statues and civic life: The case of *Tuscia et Umbria* in Late Antiquity

Carlos Augusto Ribeiro Machado[1]
Universidade de São Paulo

Resumo

Durante a primeira metade do século IV d.C., as cidades da província italiana da Tuscia et Umbria foram marcadas por uma intensa vida cívica e por complexas relações com os centros do poder imperial. Isso foi manifestado através da continuada adesão à tradicional prática de dedicar estátuas honoríficas a imperadores, oficiais imperiais e membros da elite local. O objetivo deste artigo é analisar a relação entre estátuas e vida cívica, tomando como fonte as inscrições incisas nas bases de estátuas. Estas inscrições começaram a atrair renovada atenção nos últimos anos, sendo submetidas a novas abordagens e metodologias, e se encontram convenientemente reunidas e publicadas no banco de dados *online* The Last Statues of Antiquity. Procuramos mostrar, assim, que as relações e instituições que caracterizam a vida cívica clássica estavam intimamente ligadas às suas formas tradicionais de monumentalização, sugerindo que a superação destas relações foi acompanhada pelo declínio do hábito estatuário.

Palavras-chave: Itália; vida cívica; estátuas.

Abstract

The cities of the Italian province of Tuscia et Umbria were marked by a rich civic life as well as by complex relations with the centres of imperial power during the first half of the fourth century. This was expressed through the continued practice of dedicating honorific statues to emperors, imperial officials and members of the local elite. The aim of this article is to analyse the relationship between statues and civic life, taking as evidence the inscribed statue-bases, a type of material that has recently attracted renewed attention from scholars. This material is now collected and published online in the Last Statues of Antiquity database. As we intend to show, the political relations and institutions that characterized classical civic life were intimately connected to traditional forms of monumentalization, suggesting that the end of the Ancient City was accompanied by the decline of the statue-habit.

Keywords: Italy; Civic Life; Statues.

● **Enviado em: 30/10/2013**
● **Aprovado em: 10/12/2013**

[1] Doutor em História Antiga pela Universidade de Oxford, Inglaterra. Professor do Departamento de História, Universidade de São Paulo.

Durante toda a Antiguidade Clássica, estátuas exerceram um papel social e político proeminente na vida de incontáveis comunidades urbanas ao redor do Mediterrâneo. Representações de líderes locais, divindades, imperadores ou indivíduos notáveis eram um componente essencial do mobiliário urbano, não apenas porque ornamentavam lugares públicos e privados, mas também porque davam significado às praças, teatros, termas e ruas que compunham as diversas cidades do mundo Mediterrâneo. Elas eram parte essencial da cultura material que associamos à Antiguidade greco-romana, e é no contexto dessa cultura material que devem ser entendidas.[2] Longe de serem objetos neutros, estátuas eram monumentos que exprimiam relações sociais e políticas.

Tomada em si, uma estátua celebrava através de sua iconografia e estilo a adesão a um regime político e a um modo de vida.[3] Ela era uma manifestação do poder reinante, um componente da 'propaganda' imperial e como tal um instrumento de imposição e/ou aceitação da ordem política e cultural dominante.[4] Considerada em seu contexto físico mais amplo, essa mesma estátua fazia parte de uma intrincada rede de relações envolvendo os responsáveis pela sua dedicação (o sujeito da ação), o tema representado (o objeto da ação), e o recipiente daquele ato, seja ele uma divindade, um notável ou alguém considerado digno de prestígio naquela sociedade (o receptor da ação), uma relação que se dava perante uma audiência. O "hábito estatuário", a prática de dedicar estátuas como forma de expressar relações sociais, políticas e culturais, era uma característica definidora da cidade antiga. Essa prática é bem documentada para as cidades gregas da época clássica, foi muito popular na Roma republicana e atingiu seu apogeu nos primeiros 250 anos da história imperial romana.[5]

De fato, se por um lado não existe uma definição consensual do que seria a assim chamada Cidade Antiga, por outro lado é um consenso que as relações entre patronos, benfeitores e evergetas e as comunidades cívicas das quais eles faziam parte têm um papel fundamental na definição deste conceito. Estas relações se verificavam, concretamente, sob a

2 Para uma discussão do conceito de cultura material, veja GUARINELLO, Norberto. "Archaeology and the Meanings of Material Culture". In: FUNARI, Pedro *et alii* (org.). *Global Archaeological Theory*. Nova Iorque: Kluwer Academic, 2005, pp. 19-28.

3 Para uma útil discussão, veja FEJFER, Jane, *Roman Portraits in Context*. Berlim: Walter de Gruyter, 2008, p. 17-20.

4 A formulação clássica é ZANKER, Paul. *The Power of Image s in the Age of Augustus*, Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1988. Para a importância destes mecanismos na construção da ordem imperial, veja GONÇALVES, Ana Teresa. "Poder e propaganda no período Severiano:a construção da imagem imperial" In *Phoînix*, Rio de Janeiro, 2001, 7, 60-76.

5 Ver discussão em SMITH, R. R. R. "Roman portraits: honours, empresses, and late emperors", In: *Journal of Roman Studies*, Londres, 1985, 75, pp. 209-221. Para a Grécia clássica, veja GAUTHIER, Philippe. *Les cités grecques et leurs bienfaiteurs (IVe-Ier siècle avant J.-C.)*. Atenas: École Française d'Athènes, 1985, p. 120. Para Roma, veja SEHLMEYER, Markus. *Stadtrömische Ehrenstatuen der republikanischen Zeit: Historizität und Kontext von Symbolen nobilitären Standesbewusstseins*. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 1999.

forma de serviços (como por exemplo ocupar um cargo público), favores e presentes, e tinham como contrapartida – da parte das comunidades ou indivíduos beneficiados – estátuas e outras formas de honras públicas, além do apoio político dos beneficiados.[6] A partir do segundo século da era cristã, no entanto, essa relação começou a mudar. Cidades ao redor de todo o Mediterrâneo começaram a passar por importantes transformações religiosas, urbanísticas, políticas e sociais, que se aceleraram com as reformas implementadas por uma série de imperadores no final do século III d.C.[7] De uma maneira sintética, pode-se dizer que estas foram caracterizadas pelo declínio físico dos espaços urbanos tradicionais (*fora*, termas, etc), pela progressiva perda de autonomia frente ao poder imperial, e pela ascensão do cristianismo e da Igreja, com seus espaços e hierarquias sociais específicos.[8] Estas mudanças não afetaram todas as partes do Mediterrâneo ao mesmo tempo, tendo sido mais dramáticas e precoces no Ocidente do que no Oriente, mais especificamente na Hispania e nas Gálias do que nas províncias da Itália e do Norte da África.[9] Apesar de não deverem ser lidas como sinal de um declínio generalizado e irreversível do Mundo Antigo, representam um importante sinal de sua transformação em algo novo, o que permite a historiadores identificar uma Antiguidade Tardia como uma época histórica diferente daquela que a precedeu e que lhe seguiu.

O objetivo deste trabalho é analisar estas transformações no caso de uma região específica, a província italiana da *Tuscia et Umbria* (correspondendo aproximativamente às modernas Toscana e Umbria). Para a discussão que nos interessa, iremos nos concentrar em um tipo de material específico, as bases inscritas sobre as quais estátuas eram erguidas e colocadas em exposição. Nos últimos anos, estudiosos têm dedicado cada vez mais atenção a esse tipo de material. Esse enfoque traz uma série de benefícios à pesquisa histórica, epigráfica e arqueológica:[10] em primeiro lugar, porque bases de estátuas são mais duráveis do que as estátuas em si, sobrevivendo em maior número; em segundo lugar, porque permitem estudar os monumentos que uma vez foram colocados ali, através da análise dos encaixes

6 Sobre isso, veja a discussão clássica em VEYNE, Paul. *Le pain et le cirque*. Paris: Seuil, 1976. O problema foi rediscutido mais recentemente por ZUIDERHOEK, Arjan. *The Politics of Munificence in the Roman Empire*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

7 A referência fundamental é LIEBESCHUETZ, J. H. W. *The Decline and Fall of the Roman City.* Oxford: Oxford University Press, 2001.

8 Veja, sobre esses temas, WARD-PERKINS, Bryan. "The Cities" In *The Cambridge Ancient History, v. 13*, Cambridge: Cambridge University Press, 1998, pp. 371-410.

9 Sobre a diversidade regional, veja os artigos coletados em KRAUSE, J. e WITSCHEL, C. (orgs.), *Die Stadt in der Spätantike – Niedergang oder Wandel?.* Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 2006. Para a análise de um momento histórico específico a partir de fontes legislativas, CARVALHO, Margarida. "Código legislativo em Juliano: Cúria e decuriões", In *Phoînix*, Rio de Janeiro, 1996, 2, pp. 169-191.

10 Para estes e outros benefícios, veja a discussão em HOJTE, Jakob. *Roman Imperial Statue Bases*. Aarhus: Aarhus University Press, 2005.

feitos em seu topo;[11] e finalmente, porque em um número significativo de casos, estas bases são encontradas *in situ*, o que permite o estudo do contexto físico de exposição destes monumentos. Este tipo de material pode nos dar importantes informações sobre os ritmos e o funcionamento da vida política e social das cidades antigas. Os textos inscritos nestas bases são especialmente úteis para historiadores e arqueólogos, uma vez que as inscrições que registram a dedicação de estátuas frequentemente nos dizem quem foi homenageado, por quem e por que, e às vezes até mesmo o ano exato quando isso foi feito. Este material também possui a vantagem de agora estar convenientemente reunido e discutido no site do projeto Last Statues of Antiquity (LSA).[12] O caso da *Tuscia et Umbria* é especialmente importante nesse sentido, porque esta era uma região intensamente urbanizada, onde a prática de se dedicar estátuas continuou pela maior parte do século IV. Apesar de a data exata de criação desta província ser desconhecida, ela certamente foi parte do amplo processo de reformas administrativas levado a cabo por Diocleciano (284-305), um processo que dividiu a península Itálica em duas regiões (Urbicária e Suburbicária), sendo o Norte – da qual a província que nos interessa fazia parte – mais diretamente ligada à corte imperial, sendo inclusive sujeita à taxação direta.[13] Situadas entre a cidade de Roma, a antiga capital imperial e base política de uma poderosa aristocracia senatorial, e a nova capital do Ocidente, Milão, as cidades desta província eram governadas por uma elite local poderosa e orgulhosa. Trata-se, portanto, de uma boa oportunidade para um estudo de caso circunscrito, que nos permite investigar alguns aspectos da continuidade da vida cívica e de suas formas de expressão, assim como seus limites.

Essa continuidade é demonstrada, por exemplo, pelo caso da cidade de Ocriculum (moderna Otricoli). Em 341 d.C., os irmãos Sextus Cluvius Martinus e Marcus Caesolius Saturninus, membros de destaque da *Curia* de Ocriculum, inauguraram as obras realizadas nas antigas termas da cidade, pelas quais eles pagaram com seus próprios meios. Nós sabemos destas obras porque elas foram registradas em uma inscrição exposta neste complexo, as *thermae hiemales*, na qual os irmãos afirmam terem agido 'por amor à cidade (*pro civica adfectione*)'.[14] De acordo com essa inscrição, os irmãos haviam ocupado todas as

11 Veja-se sobre isso o importante trabalho de RUCK, Brigitte. *Die Grossen dieser Welt. Kolossalporträts im antiken Rom*. Heidelberg: Archäologie und Geschichte, 2007.

12 Veja o site http://laststatues.classics.ox.ac.uk (visitado em setembro de 2013). Para conveniência do leitor, o material aqui discutido será citado de acordo com o número de publicação nesse banco de dados, seguindo a referência *LSA*.

13 Uma boa discussão pode ser encontrada em GIARDINA, A. "La formazione dell'Italia provinciale". In: *Storia di Roma, 3.1: L'età tardoantica. Crisi e trasformazioni*. Turim: Einaudi, 1993, pp. 51-68.

14 *Corpus Inscriptionum Latinarum* (doravante *CIL*) XI, 4095. As *thermae hiemales* eram adjacentes às termas mais antigas, do século II d.C., e as escavações do século XVIII não esclareceram a relação entre os

magistraturas cívicas (*omnibus honoribus functi*), antes de financiarem esta obra. Martinus e Saturninus não eram recém-chegados à elite local: membros da família aparecem como *quattuorviri aedilis* em uma inscrição que remonta ao período republicano.[15]

Como recompensa por sua generosidade, Martinus e Saturninus foram homenageados com uma estátua cada um, erguidas nas termas que inauguraram. As estátuas não sobreviveram, mas as bases sobre as quais foram originalmente erguidas estão agora na *Galleria Lapidaria* do Museu Vaticano. As inscrições nas duas bases são identicas, exceto pela ordem em que os nomes dos irmãos aparecem:

> Para o descendente de uma boa linhagem e um homem dotado de integridade única, Sextus Cluvius Martinus, que ocupou todas as magistraturas, *vir laudabilis*, restaurador das Termas Invernais com Marcus Caesonius Saturninus, seu irmão. Por causa dos muitos serviços prestados para eles, o conselho e os cidadãos da esplendidíssima cidade de Ocriculum decretou (sic) pública e auspiciosamente [esta] estátua de mármore para seu digníssimo patrono, como um memorial perpétuo. [No lado direito da base] Dedicada no 16º dia antes das Calendas de Dezembro, no ano do consulado de Marcellinus e Probinus.[16]

As Termas Invernais passaram por mais obras no século IV, como sabemos por outra base de estátua, encontrada na mesma área:

> Para Caius Volusius Victor, questor da *res publica* de Ocriculum, membro do conselho dos quatro, edil, membro do conselho dos quatro homens com poder judiciário, membro do conselho dos quatro homens eleitos por cinco anos. Os cidadãos e os plebeus, com isso completado, ergueram uma estátua para este homem, por causa de seus serviços, que restaurou as Termas Invernais à sua condição anterior, e as dedicou. [Do lado esquerdo da base]: Erguida no terceiro dia antes das Nonas de Novembro.[17]

A inscrição que registrava a dedicação de uma estátua para Caius Volusius Victor trata dos mesmos elementos indicados pela homenagem feita a Martinus e Saturninus: os bons serviços prestados, seja privadamente ou como oficiais públicos, por estes membros da elite local foram muito apreciados pelos habitantes de Ocriculum, que em retorno os homenagearam com estátuas honoríficas. Note-se que existe uma correlação íntima entre o tipo de homenagem (a estátua), o comportamento tomado como exemplar (ocupar cargos

---

dois espaços, se eram parte de um mesmo complexo ou se eram independentes. Veja SISANI, Simone. *Umbria, Marche*. Bari: Laterza, 2006, p. 212; PIETRANGELI, Carlo. *Ocriculum (Otricoli)*. Roma: Istituto di Studi Romani, 1943, p. 67-71. Veja também FAGAN, Garret. *Bathing in Public in the Roman World*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1999, p. 274 n. 124.

15 *CIL* I, 3372; veja também PIETRANGELI, Carlo. *Ocriculum (Otricoli)*. Roma: Istituto di Studi Romani, 1943, p.34 e BISPHAM, Edward. *From Asculum to Actium: The Municipalization of Italy from the Social War to Augustus*. Oxford: Oxford University Press, 2007, p. 503.

16 *LSA*-1632; a outra inscrição, para Saturninus, é *LSA*-1633.

17 *LSA*-2682.

publicos e fazer doações à cidade) e o espaço onde a homenagem foi monumentalizada/publicizada, as termas – um importante espaço da vida cívica antiga.

De um modo geral, as comunidades que dedicavam estátuas durante a Antiguidade Tardia o faziam pelas mesmas razões que no período precedente.[18] No entanto, é preciso levar em consideração o contexto mais amplo de mudanças profundas, se quisermos compreender o significado e a extensão destes elementos de continuidade. Para isso, precisamos refletir sobre duas mudanças cruciais: o declínio no número de estátuas erguidas e o novo contexto político no qual estas homenagens foram realizadas. O período tardo-antigo foi marcado pelo número cada vez menor de dedicações de estátuas em todo o Império Romano, e a província da Tuscia et Umbria não foi uma exceção.[19] Conhecemos 29 bases de estátuas provenientes desta área, o que apesar de ser muito mais do que é disponível para outras partes da Itália é ainda assim muito menos do que temos para os períodos anteriores.[20] Em suma, quando falamos de riqueza documental no contexto das cidades tardo-antigas, devemos também levar em consideração o processo mais geral de declínio quantitativo de nossa evidência.[21] Ao mesmo tempo em que menos estátuas eram erguidas, o novo ordenamento provincial imposto pelas autoridades tetrárquicas levou à concentração de grande poder e prestígio nas cortes dos governadores provinciais. Como consequência, as Curias locais viram sua posição no governo municipal e na direção da sociedade local questionados, o que afetou diretamente o hábito estatuário.[22]

Não surpreende, portanto, que o material disponível para as cidades da Tuscia et Umbria não ultrapasse a segunda metade do século IV d.C. A documentação disponível sugere que as cidades desta região foram marcadas por uma vida cívica e política muito intensa,

---

18 Veja, além das referências citadas anteriormente, TANNER, Jeremy. "Portraits, power, and patronage in the late Roman Republic" In *Journal of Roman Studies*, Londres, 2000, 90, pp. 18-50; e ECK, Werner. "Onori per persone di alto rango sociopolitico in ambito pubblico e privato", In *Tra epigrafia, prosopografia e archeologia*, Roma: Quasar, 1996, pp. 299-318.

19 WARD-PERKINS, Bryan. "The End of the Statue Habit (Ad 284-620)" In SMITH, R. R. R. e WARD-PERKINS, B. (orgs.). *The Last Statues of Antiquity* (em preparação).

20 Existe também uma referência textual, a uma estátua de Lachanius, pai de Rutilio Namatiano, em Pisa (*De Reditu Suo* 1.575-592). O projeto "Last Statues of Antiquity" também identificou quatro fragmentos de estatuária que podem ser atribupidos com segurança à Tuscia et Umbria tardo-antiga.

21 Para uma discussão deste declínio no contexto da Itália como um todo, veja MACHADO, Carlos. "Public Monuments and Civic Life: the end of the statue-habit in Italy". In: DELOGU, P. e GASPARRI, S. (orgs.). *Le trasformazioni del V secolo. L'Italia, i Barbari e l'Occidente romano*, Turnhout: Brepols, 237-257.

22 Apesar de a antiga ideia de um declínio geral de todas as formas de governo local e de vida política ser atualmente inaceitável, ainda assim permanece observável um declínio das formas tradicionais de vida cívica e governo citadino nesse período. Veja LIEBESCHUETZ, J. H. W. *The Decline and Fall of the Roman City*, Oxford, Oxford University Press, 2001, e CECCONI, Giovanni. "Crisi e trasformazioni del governo municipale in Occidente fra IV e VI secolo" In Krause, J.-U. e Witschel, C. (orgs.). *Die Stadt in der Spätantike* – Niedergang oder Wandel? Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 2006, pp. 285-318.

expressa segundo formas tradicionais, até aproximadamente a metade do século.[23] O quadro muda de forma dramática a partir daí, o que aliás é confirmado pelo que sabemos sobre a história dos assentamentos urbanos nesta área. De fato, cidades parecem ter florescido na primeira parte do século IV, mas parecem ter começado a passar por mudanças bruscas que incluiram o progressivo abandono das zonas monumentais tradicionais e o desenvolvimento de novos espaços de reunião, principalmente cristãos.[24] É certo que existiam outras formas de celebração, tanto do poder imperial quanto da vida política local. Festivais, aclamações e monumentos efêmeros (como retratos pintados, por exemplo) eram algumas das possibilidades disponíveis, e raramente deixam registro em nossas fontes.[25] Com o estabelecimento do cristianismo, mosaicos em igrejas vieram a desempenhar um papel cada vez maior na celebração de valores religiosos e culturais. Não podemos, portanto, equacionar o desaparecimento de estátuas honoríficas com o fim de toda forma de vida cívica. Por outro lado, a dedicação de uma estátua colocava em movimento diversos aspectos de um tipo de organização social e política que era decididamente "clássico": a homenagem deveria ser proposta em uma assembléia para ser votada; o monumento deveria ser esculpido segundo cânones pré-determinados; uma epígrafe celebratória deveria ser composta, acordada e inscrita; um local apropriado deveria ser escolhido. Isso representava uma forma específica de ação social, uma forma tradicional (e tradicionalista) de monumentalização dos valores cívicos e das classes dirigentes na paisagem urbana – a assim chamada Cidade Antiga. Nesse caso, a escolha do meio importava tanto quanto a escolha da mensagem. Não podemos aceitar, aqui, a ideia de um declínio geral, uma vez que o abandono do hábito estatuário foi acompanhado pela ascensão de outras formas de comemoração, e a perda de importância das elites tradicionais foi compensada pela afirmação de uma nova elite, a hierarquia eclesiástica. O declínio numérico no número de estátuas estava ligado, portanto, a uma ruptura com as formas clássicas de organização urbana, seja em termos espaciais ou políticos.

Além de concentrada cronologicamente nas seis primeiras décadas do século IV, nossa documentação também é marcada por uma forte dispersão geográfica. Como resultado, a

23 Também observado por LEPELLEY, Claude. "Permanences de la cité classique et archaïsmes municipaux en Italie au Bas-Empire" In *Institutions, société et vie politique dans l'empire romain au IVe siècle ap. J.-C.*, Roma: École Française de Rome, 1992, pp. 353-371.

24 Para uma discussão geral, ver PAVOLINI, Carlo. "Le città dell'Italia suburbicaria" In *Storia di Roma, 3.2: L'età tardoantica. I luoghi e le culture*, Turim: Einaudi, 1993, pp. 182-185. Estas mudanças devem ser vistas no contexto das mudanças mais gerais ocorridas nas cidades da Itália neste período, analisado por WARD-PERKINS, Bryan. *From Classical Antiquity to the Middle Ages. Urban Public Building in Northern and Central Italy*. Oxford: Oxford University Press, 1984.

25 Ver, sobre estas formas de celebração, MACHADO, Carlos. "The City as Stage: Aristocratic Commemoration in Late Antique Rome" In E. Rebillard e C. Sotinel (orgs.). *Les Frontières du Profane dans l'Antiquité Tardive*. Roma: École Française de Rome, 2010, pp. 287-317.

maior parte de nossas bases de estátuas vêm cada uma de uma cidade diferente. Isso se dá mesmo no caso de cidades sobre as quais sabemos, através de outras fontes, terem sido habitadas por comunidades extremamente ativas, como Hispellum (moderna Spello) e mesmo a (provável) capital provincial Florentia (Florença).[26] Não podemos descartar de todo a possibilidade de que essa dispersão do material a ser analisado seja devida à própria vitalidade da vida urbana nesta parte da Itália. Bases de estátuas são grandes blocos de pedra (muitas vezes mármore), e eram muito procurados por construtores e arquitetos medievais para suas obras. De fato, muitas de nossas inscrições foram encontradas reutilizadas em muralhas, fundações de edifícios e mesmo como decoração de prédios públicos e privados. No entanto, a comparação com regiões vizinhas mostra de maneira convincente que, apesar de não ser completa, nossa amostragem é representativa e – acima de tudo – reveladora, indicando tendências e padrões gerais que podem ser úteis aos estudiosos.

O caráter excepcionalmente rico do hábito estatuário na Tuscia et Umbria nas primeiras décadas do século IV faz com que essa prática seja ainda mais relevante para nós, do ponto de vista da história cultural e política da região. Isso é porque cada dedicação de estátua representava uma ocasião especial, uma escolha política importante. Era o produto de negociações políticas dentro da comunidade cívica, ou entre as elites locais e o governo central (seja o governador em Florença, a corte em Milão ou o senado em Roma). É nesse sentido que uma análise da "população de estátuas" da Tuscia et Umbria pode ser relevante para nossa compreensão dessa sociedade.[27] E o que vemos é uma composição "populacional" bastante específica, que merece nossa atenção. Como seria de se esperar, o maior número de estátuas conhecidas homenageava imperadores (13 em 29 dedicações). Membros da elite local (incluindo uma mulher) aparecem em sete dedicações, governadores provinciais em três, assim como divindades tradicionais. Temos uma estátua dedicada privadamente, uma para um aristocrata romano e uma cuja identidade da pessoa homenageada não foi preservada. Em outras palavras, o que temos é uma imagem razoavelmente diversificada dos estratos mais altos da sociedade romana tardia, da elite local à corte imperial.

Desde o início do Principado, imperadores tiveram a maior proporção de homenagens nas cidades de todo o império. Portanto, o alto número de estátuas imperiais provenientes da

---

26 A identificação de Florença como capital provincial não pode ser provada. Com a exceção de Luna, com quatro dedicações, e das cidades de Interamna, Ocriculum e sestinum, cada uma com três, todas as outras cidades são representadas por apenas uma base: Florentia, Populonium, Saena, Clusium, Volsinii, Vulci, Ferentium, Falerii Novi, Nepet, Castrum Novum, Veii, Narnia, Ameria, Hispellum, Asisium, Pisa e Fulginae.

27 Cassiodoro usou a expressão "*populus copiosissimus statuarum*", na *Varia* 7.1. Veja a discussão em STEWART, Patrick. *Statues in Roman Society*. Oxford: Oxford University Press, 2003, pp. 118-157.

Tuscia et Umbria não deveria nos surpreender, ao menos à primeira vista. As cidades de que estamos tratando aqui eram centros importantes na geografia política da Itália tardo-antiga, estando próximas a Roma assim como à residência imperial em Milão. A área era cruzada pelo rio Tibre, assim como pela via Flaminia (a principal via ligando Roma ao Norte da Itália), e sua importância estratégica era evidente para o governo central. Como se isso não fosse o bastante, uma variedade de fontes confirma a preocupação de imperadores com o patrocínio de comunidades nesta região.[28] O que é mais surpreendente, nesse contexto, é que quase todas estas homenagens aos imperadores são datáveis no período entre o início da Tetrarquia (284) e a morte de Constantino, em 337. Apesar de numericamente importantes, estátuas imperiais cobrem apenas uma pequena parte do período que nos interessa aqui, dando lugar a outros homenageados. Esta mudança de prioridades indica uma transformação significativa, que merece ser considerada com maior atenção.

O período tetrárquico foi marcado pela reafirmação do poder imperial, seja através de sua relativa estabilidade política, seja através da notável expansão do aparato de governo. Isso criou oportunidades novas, a serem exploradas. Em 287, o administrador apontado pela corte para supervisionar o governo da península itálica, o *corrector Italiae* Titus Aelius Marcianus dedicou uma estátua ao imperador Diocleciano em Florença.[29] Essa homenagem foi levada a cabo antes da própria criação da província da Tuscia et Umbria, que provavelmente aconteceu no período entre 290 e 300.[30] É surpreendente que apenas uma dedicação tenha sido feita na cidade que logo depois se tornaria a capital da provincia. Isso talvez sugira que o verdadeiro motor do hábito estatuário nessa região deve ser procurado nas comunidades locais, e não no centro adotado como base pelo poder imperial. Um bom exemplo disso, e das oportunidades oferecidas pelo contexto político do período, é o caso da cidade de Luna, onde duas bases foram re-utilizadas em diversas ocasiões, homenageando diversas pessoas, inclusive imperadores.[31] O que vemos, aqui, é que a Curia da cidade fez o melhor possível para acompanhar as mudanças bruscas que marcaram o governo imperial nesse período, mudando suas lealdades de acordo com quem era o

---

28 CECCONI, Giovanni. *Governo imperiale e élites dirigenti nell'Italia tardoromana. Problemi di storia politico-amministrativa (270-476 d.C.).* Como: New Press, 1994, pp. 109-131 apresenta uma visão geral para a Itália.

29 *LSA*-1621. Sobre Marcianus, veja JONES, A. H. M. Jones *et al*. *The Prosopography of the Later Roman Empire* , vol. I. Cambridge: Cambridge University Press, 1971, p. 556 (Marcianus 16) (de agora diante citado como PLRE)..

30 Veja CHASTAGNOL, André. "*L'administration du diocése italien au Bas-Empire*" In *Historia*, Stuttgart, 1963, 12, p. 350.

31 *CIL* XI, 6956 homenageou sucessivamente um magistrado local, o imperadot Tácito, o imperador Carino, e finalmente Diocleciano (em 286). Para o caso da última homenagem, veja LSA-1617. *CIL* XI, 6957 homenageou um magistrado local, a esposa do imperador Caro, o imperador Galério (LSA-1618) e finalmente o imperador Maxêncio (em 307, LSA-1619). Para estas bases, veja FROVA, Antonio. "De statuarum basibus", In *Quaderni del Centro di studi lunensi*, Sarsana, 1984, 9, pp. 20-24.

detentor mais recente do cetro imperial. Especialmente durante o período tetrárquico, com seus Césares e Augustos, havia uma pressão – e uma demanda constante – para que novas estátuas fossem dedicadas a novos imperadores. Mesmo Flávio Severo, que governou baseado em Milão por pouquíssimo tempo entre 305 e 307, primeiro como César e depois como Augusto, foi homenageado com duas estátuas (enquanto era César), uma em Vulci e a outra em Castrum Novum.[32]

A centralidade do governo imperial na vida política tardo-romana também era reconhecida através das homenagens feitas a governadores provinciais, as autoridades máximas no âmbito regional. Conhecemos um monumento (apenas a base sobrevive) dedicado pelos provinciais da Tuscia et Umbria a um governador de sua província em Roma (provavelmente na sua residência particular), e três bases, dedicadas localmente cada uma em uma comunidade diferente: uma de Interamna Nahars, uma de Luna, e uma terceira de Narnia, todas erguidas na metade do século IV.[33] O texto do monumento celebrando Lucilius Constantius, dedicado em Luna, é um bom exemplo do que era celebrado nestas iniciativas: "Por decreto, o conselho e os cidadãos de Luna, tendo recebido socorro através de seus benefícios imortais, dedicou esta estátua para transmitir sua memória à posteridade; para Lucilius Constantius, governador da Mauritânia e Tingitana, de nível senatorial, governador da Tuscia et Umbria."[34]

O governador foi homenageado por seus serviços e realizações, e sua memória seria preservada pelo monumento ofertado pelo conselho local e os cidadãos, por decreto. Estátuas serviam a dupla função de recompensar um governador bendoso e de estabelecer um exemplo para oficiais futuros. Apesar de louvar os 'benefícios imortais' dispensados por Constantius, nossa inscrição não sugere nenhum vínculo mais forte entre ele e a cidade de Luna. Em Narnia, o governador Iulianus foi celebrado como patrono da cidade, enquanto em Interamna outro governador da província, Iulius Eubulidas, foi não só descrito como patrono, mas também elogiado por sua afeição pelos cidadãos.[35] No caso da base de estátua dedicada em Roma, o governador Betitius Perpetuus Arzygius foi comemorado por ser um patrono que havia realizado

32 *LSA*-1626 e *LSA*-1630. Severo foi nomeado Augusto em Agosto de 306, e logo se envolveu no conflito contra Maxêncio no qual ele foi derrotado. Veja a cronologia em KIENAST, Dietmar. *Römische Kaisertabelle. Grundzüge einer römischen Kaiserchronologie*. Darmsdatd: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1990, p. 290.

33 Interamna: *LSA-1635*; Luna: 1620; Narnia: 1634. Para o caso de Roma, veja LSA-1406.

34 *LSA-1620*: "Ex decreto ordo Lunens(ium) / et cives, inmortalibus / beneficiis relevati ob memo/riam posteritati tradendam, / statuam collocarunt Lucilio / Costantio, praesidi Mauritaniae / et Tincitaniae (sic), v(iro) c(larissimo), consulari / Tusciae et Umbriae."

35 Narnia: *LSA*-1634; Interamna: *LSA*-1635: "(...) ob inlustria ipsius merita et amorem iuxta cives, ordo interamnatium patrono."

muitos serviços à comunidade, e que devia portanto ser homenageado para que pudesse servir de exemplo para as gerações futuras.[36]

A dedicação de uma estátua era flexível o bastante para incorporar qualidades pessoais, assim como o simples exercício de uma obrigação administrativa, a um monumento elogiando um representante do poder imperial. Era uma iniciativa perfeitamente adequada, portanto, à associação entre poder publico e privado que caracterizava o governo romano nesse período.[37] Isso fica muito claro na passagem do *De Reditu Suo* (1.575-590) na qual Rutilius Namatianus narra sua visita a Pisa e descreve a estátua de seu pai, Lachanius, que ocupava o Forum da cidade.[38]. A passagem pode ser lida como uma paráfrase de uma inscrição dedicatória modelo, listando os diversos cargos publicos ocupados por Lachanius, seu amor pela província da Tuscia et Umbria, e se referindo até mesmo à função exemplar que o monumento ocupava entre os habitantes da cidade. Namatianus fala das lágrimas de alegria que desceram por seu rosto ao ver o monumento e a alta estima na qual seu pai era considerado pelos habitantes de Pisa. Estátuas tornavam concretos o vinculo pessoal estabelecido entre as comunidades locais e os poderosos agentes do poder imperial, fossem elas dedicadas no Forum de uma cidade provincial ou na residência de um ex-governador na antiga capital do império.

A combinação entre poder pessoal e ofício publico é bem exemplificada por duas outras bases de estátuas. Em 364, o ex-prefeito urbano de Roma Iunius Bassus foi homenageado na *villa* de sua família próxima a Falerii Novi – infelizmente a inscrição não menciona o responsável pela iniciativa. A estátua foi dedicada no complexo termal que fazia parte da propriedade. Esta homenagem foi feita, no entanto, cinco anos após a morte de Bassus (que morreu quando prefeito). Ela foi provavelmente erguida como um memorial para um dos membros bem sucedidos da família (provavelmente por um parente), em um espaço no qual hóspedes – sejam membros da *domus* dos Bassi ou não – seriam entretidos de forma esplêndida.[39] Ainda mais reveladora é a base de uma estátua dedicada a Marcus Aurelius Valerius Valentinus, ex-governador da Numídia e da província da Flaminia et Picenum, pelo conselho da cidade de Asisium.[40] Valentinus era membro da poderosa família romana dos Symmachi, e seu *cursus honorum* (como nos foi preservado) jamais envolveu qualquer posição oficial na Tuscia et

36 *LSA-1406*.
37 Discutido em MATTHEWS, J. *Western Aristocracies and Imperial Court*. Oxford: Oxford University Press, 1990.
38 Provavelmente o governador de 389: *PLRE* I, Claudius 6.
39 *LSA-1628*. Sobre Bassus Bassus, veja *PLRE* I, Bassus 15.
40 *LSA-1639*: "M(arco) Aur(elio) Val(erio) / Valentino, c(larissimo) v(iro), / consula<r>i Numi/diae, corr(ectori) Flam(iniae) / e(t) Pic[eni], RPNE / QIPATVPPIPRESS / TESMOP[---] / NOICON[---] / ordo [---]ssimo / [Asisina]tium." As linhas 5-8 já estavam ilegíveis quando a inscrição foi originalmente copiada..

Umbria.[41] Infelizmente, o estado em que a inscrição foi vista e copiada pela primeira vez faz com que seja impossível saber a razão pela qual o conselho de uma cidade homenagearia o governador de outra província. Por outro lado, o prestígio político e a influência de Valentinus e sua família seriam mais do que justificativa para qualquer tentativa para que a cidade procurasse estabelecer um laço pessoal com ele. Quer essa hipótese seja correta ou não, é bem sabido que relações pessoais e cargos publicos eram parte da essência do modo de governar tardo-romano, e que a honra representada por uma estátua era uma expressão adequada deste princípio.[42]

Não só oficiais imperiais e aristocratas romanos estavam envolvidos na troca de honras e favores que circulavam das e para as comunidades locais. Membros das elites locais também participavam deste sistema, e de fato ocupavam um importante papel nele. Isso é explicitado nas tres bases dedicadas nas *thermae hiemales* em Ocriculum, mencionadas acima, e é também o caso de outras cidades da região. Em Hispellum, a base da estátua dedicada a Caius Matrinius Aurelius Antoninus nos ajuda a enxergar outros aspectos desta economia de honras e favores mais ampla:

> Para Caius Matrinius Aurelius Antoninus, filho de Caius, da tribo Lemonia, de nível equestre, coroado sacerdote da província da Tuscia et Umbria, sacerdote da família dos Flávios [ie, a família de Constantino], patrocinador dos mais abundantes espetáculos e de extraordinária alegria no teatro, edil, questor, duas vezes membro do comitê de dois oficiais com poderes judiciais por cinco anos desta muito esplêndida cidade, curador da cidade e primeiro notável; por causa dos benefícios de sua boa vontade pela cidade, toda a plebe urbana de Flavia Constantia [dedicou esta estátua] para um patrono mais merecedor.[43]

Antoninus era membro da elite citadina local, um membro da ordem equestre, patrocinador de importantes festivais e de outros benefícios. Sua posição importante em Hispellum fez com que fosse enviado à assembléia provincial, a qual chegou a presidir, na qualidade de sacerdote coroado. O presidente da assembléia provincial também era responsável por oficiar o culto imperial, e essa função não deve ser menosprezada, especialmente se levarmos em consideração a posição de Antoninus como sacerdote da *Gens Flavia*, o culto instituído em homenagem à família do próprio Constantino, um imperador famoso por sua adesão ao

41 Sobre Valentinus e sua família, veja *PLRE* I, Valentinus 12 e o Stemma 27; sobre a história da família, veja CAMERON, Alan. "The Antiquity of the Symmachi", In *Historia*, Stuttgart, 1999, 48, pp. 477-505 (p. 484 para Valentinus).

42 Esse aspecto do governo romano é bem explorado por, entre outros, KELLY, Christopher. *Ruling the Later Roman Empire*. Cambridge: Harvard University Press, 2004.

43 Veja *LSA-1638*; também GREGORI, Gian Luca., *Epigrafia anfiteatrale dell'Occidente romano, vol. 2: Regiones Italiae VI-XI*. Roma: Quasar, 1989, n. 21: "C(aio) Matrinio Aurellio, / C(ai) f(ilio), Lem(onia), Antonino, v(iro) p(erfectissimo), / coronato Tusc(iae) et Umb(riae), / pont(ifici) gentis Flaviae, / abundantissimi muneris sed et / praecipuae laetitiae theatralis ẹdịtọrị, / aedili, quaestori, duumviro / iterum q(uin)q(uennali) i(ure) d(icundo) huius splendissimae / coloniae, curatori r(ei) p(ublicae) eiusdem / colon(iae) et primo principali, ob meritum / benevolentiae eius erga se, / [ple]bs omnis urbana Flaviae / Constantis patrono / dignissimo."

cristianismo.[44] O real significado dessa inscrição só pode ser apreciado, no entanto, quando consideramos o rescrito endereçado por Constantino a Hispellum, no qual ele tomou conhecimento de um templo dedicado à *Gens Flavia*, e determinou que jogos anuais deveriam ser oferecidos pelas cidades da Tuscia et Umbria naquela cidade uma vez a cada dois anos (revezando com a sede tradicional dos jogos, Volsinii).[45] Apesar de a datação da estátua de Antoninus permanecer incerta, ela certamente foi erguida após o rescrito, datado de 333-337. Em outras palavras, a estátua votada pela plebe de Hispellum homenageou um líder local que contribuira para a nova posição da cidade na província, ao mesmo tempo em que ele havia cuidado dos divertimentos de seus concidadãos e celebrado o poder imperial.

O caso de Antoninus e Hispellum é um bom exemplo de como a intersecção entre dinâmicas políticas mais amplas podiam ser materializadas através da dedicação de uma estátua. Isso também é verdade no caso da homenagem póstuma a Helvidia Burrenia Modesta, erguida em 338 em Interamna:

> O mel de Leucadius. Para Helvidia Burrenia Modesta, neta de Helvidius Burrenus Severus, de nível senatorial, filha de Burrenia Severa, mulher de nível senatorial, memorável por sua castidade, sabedoria e inocência entre todas as [mulheres] do passado; por seus benefícios e seu amor, os cidadãos dos dois sexos da cidade de Interamna, com fundos coletados [da comunidade dedicaram esta estátua] para sua patrona após sua morte. [Ao lado] Dedicada no 18º dia antes das Calendas de Fevereiro, no consulado de Ursus e Polemius.[46]

Modesta era membro de uma família de nível senatorial, e a cidade a homenageou como patrona. Em outras palavras, a estátua monumentalizou o momento em que um mebro de uma família influente tanto em âmbito local quanto imperial foi cooptada como protetora da comunidade local.

A estátua de Modesta também é notável por ser o único exemplo que possuímos de um monumento dedicado a uma mulher na Tuscia et Umbria – a única dentre todas as estátuas dedicadas nas províncias da Itália Urbicaria. Além disso, ela nos permite colocar a questão de

---

44 Sobre o papel dos *coronati* nas assembléias provinciais e no culto imperial, veja CHASTAGNOL, André e DUVAL, Noël. "Les survivances du culte impérial dans l'Afrique du Nord à l'époque Vandale" In *Mélanges d'histoire ancienne offerts à William Seston*. Paris: De Boccard, 1974, p. 110.

45 Para o texto do rescrito veja *CIL* XI, 5265; também GREGORI, Gian Luca., *Epigrafia anfiteatrale dell'Occidente romano, vol. 2: Regiones Italiae VI-XI*. Roma: Quasar, 1989, n. 20, com comentário. Para os elementos políticos envolvidos nesse texto famoso, veja CECCONI, Giovanni. *Governo imperiale e élites dirigenti nell'Italia tardoromana. Problemi di storia politico-amministrativa (270-476 d.C.).* Como: New Press, 1994, pp. 87-96. Para os seus aspectos religiosos, CLAUSS, Manfred. "Kein Aberglaube in Hispellum" In *Klio*, Berlim, 2011, 93, pp. 429-445.

46 *LSA-1635*: "Laeucadii Mel. / Helvidiae Burreniae / Modestae, / nepoti Helvidi Burreni Se/veri, v(iri) c(larissimi), filiae Burreniae Se/verae, c(larissimae) f(eminae), pudicitia, sapientia, / innocentia omnibus retro / memorabili, ob meritum amo/remque eius, cives Interam/nanae civitatis utriusque / sexsus (sic) (a)ere conlato post / obitum huius / patronae. // [no lado direito] Dedic(ata) XVIII Kal(endas) / Febr(uarias) / Urso et Polemio / co(n)ss(ulibus)".

quem dedicava estes monumentos, e com quais fundos. Nenhuma outra inscrição dedicatória menciona quem pagou pela confecção de uma estátua honorífica. No caso de monumentos dedicados pelo conselho citadino, podemos presumir que os custos eram cobertos pelos próprios fundos da cidade. Mas o monumento de Modesta foi erguido através de uma coleta de recursos. Além disso, a inscrição nos diz que a homenagem foi dedicada por cidadãos de ambos os sexos, uma referência extremamente rara para esse período. Outras homenagens foram feitas pela população feminina de diferentes cidades no Alto Império,[47] mas nada de semelhante é conhecido para um período tão tardio.

O fato de que a homenagem foi atribuída aos "cidadãos de ambos os sexos" também representa um puzzle: como teria essa decisão sido votada e/ou decidida, e qual teria sido o papel das mulheres na vida política destas cidades? Como observamos acima, a dedicação de uma estátua era uma decisão política, relacionada ao oferecimento de uma homenagem publica, e que portanto requeria alguma forma de processo decisório politicamente legítimo. Isso se torna ainda mais relevante quando consideramos que afora duas estátuas dedicadas por iniciativa de oficiais imperiais e seis por quem o responsável não é mencionado na inscrição, todas as outras inscrições registram o papel de agentes e instituições locais na produção do monumento.

Como se pode esperar, conselhos locais ocupam um lugar predominante entre as inscrições dedicatórias catalogadas, seja atuando isoladamente ou em associação com outras agremiações políticas, como os cidadãos (*cives*) ou o povo (*populus*).[48] A estátua dedicada ao genius da Curia de Sestinum, pelo curador da cidade (*curator rei publicae*) Vesenus Frontinianus, estava obviamente intimamente conectada ao conselho citadino e deveria ser vista como parte do mesmo grupo.[49] Além do conselho, do corpo dos cidadãos e do povo, outros agrupamentos políticos também são mencionados como tomando parte no hábito estatuário. Algumas inscrições não especificam qual assembléia foi responsável pela homenagem, referindo-se genericamente aos habitantes da cidade como *castronovanorum* ou *ferentienses*.[50] Em dois casos, o envolvimento da plebe é mencionado: na homenagem a Antoninus em Hispellum e a Victor em Ocriculum.[51] Não sabemos exatamente qual era o significado de *plebs* no século IV, e nem mesmo como estas associações políticas se reuniam e deliberavam na prática. A despeito destas incertezas, a evidência epigráfica disponível para as cidades da Tuscia et Umbria mostra que esta parte da

47 Por exemplo, *AE* 1964, 106 e 1998, 416.
48 Para exemplos de dedicações feitas pelo conselho, veja *LSA-338* e *LSA-1637*; conselho e povo: *LSA-1617*; conselho e cidadãos: *LSA-1632*.
49 *LSA-1640*.
50 *LSA-1630* (castronovanorum) e LSA-1627 (ferentienses).
51 Respectivamente, *LSA-1638* e LSA-2682, citados acima.

Itália era marcada por uma vida cívica extremamente ativa e diversificada, na qual formas tradicionais de participação ainda cumpriam um papel importante na vida política.

Como vimos acima, a reorganização política dos períodos tetrárquico e constantiniano tiveram um impacto profundo no hábito estatuário, levando a um numero maior de homenagens a imperadores. No entanto, como também vimos, estas foram limitadas ao final do século III e ao início do IV. Comunidades locais logo começaram a prestar mais atenção naqueles oficiais – representantes do próprio poder imperial – que estavam mais próximos a eles, fossem eles indicados pela corte ou localmente. Apesar de erguidas em números cada vez menores, as estátuas dedicadas nas cidades da Tuscia et Umbria mostram que estas comunidades estavam perfeitamente conscientes da necessidade de cultivar o patronato e a boa vontade dos poderosos. Estátuas eram empregadas como uma forma de recompensar demonstrações de generosidade, mas também como um meio de cooptação de novos patronos e de consolidação dos laços já existentes. Comunidades locais estiveram envolvidas em constantes negociações com diferentes níveis do governo imperial, e a diversidade dos homenageados escolhidos é uma boa indicação deste fato. Se por um lado o quadro mais geral é o de um declínio das antigas formas de celebração da vida cívica, nas cidades da Tuscia et Umbria associações tradicionais como o povo, a plebe e mesmo os cidadãos ainda eram capazes de exercer um papel determinante na vida local e provincial.

Estes elementos são convenientemente reunidos em uma inscrição registrando a dedicação de uma estátua erguida em homenagem a Lucius Tiberius Maefanas Basilius, na cidade de Clusium, em algum momento no início do século IV:

> [Estátua] de Honorius. Para Lucius Tiberius Maefanas Basilius, de nível egrégio, ex pretor dos 15 povos, defensor do conselho citadino e dos cidadãos, decurião da cidade eterna. Porque ele governou os cidadãos e povo de Clusium lealmente e com integridade, por tê-los valorizado com amor, incensado com sua generosidade e educado com sua bondade. E portanto, como uma recompensa por seus bons feitos, todos, segundo os votos de todos, ofereceram [esta estátua].[52]

A inscrição registrando a dedicação a Basilius é um excelente exemplo do que faz o hábito estatuário na Tuscia et Umbria da Antiguidade Tardia tão importante para os historiadores que lidam com esse período. Aqui podemos ver a relação entre o conselho citadino, os cidadãos e o magistrado e benfeitor que os governou com amor. Basilius ocupou a antiquíssima função de pretor dos 15 povos da Etruria, um cargo que provavelmente tinha

[52] LSA-1623: "Hon(orii). / L(ucio) Tiberio Maefanati Basi/lio, v(iro) e(gregio), ex praetoribus XV pop(ulorum), / defensori ordinis et civium, / decuriali urbis aeternae, / ob hoc quod fide cives suos / populumq(ue) Clusinum integritate / gubernarit, amore dilexerit, / largitate sublebarit, humani/tate foverit, pro merito ergo benefi/ciorum universi statuam lae/tantes votis omnibus obtulerunt."

sua origem em uma época anterior à conquista romana. Não sabemos qual teria sido a função desse oficial, mas ele provavelmente presidia uma federação de povos da Etruria (e possivelmnte da Umbria).[53] O localismo desse cargo era contrabalançado pela posição de decurião da cidade eterna, um cargo desconhecido antes do século IV que era quase certamente relacionado ao culto da *Urbs Roma*.[54] Tradicionalismo e inovação, particularismo local e o culto de Roma eram elementos que exerciam um papel crucial na vida política e na auto-imagem das comunidades da Tuscia et Umbria. Mesmo em uma época de mudanças profundas nas formas e estruturas de governo, bem como nos rituais e instituições que informavam a vida cívica, a análise do hábito estatuário mostra que não podemos compreender as inovações significativas que deram origem à Antiguidade Tardia como um período específico sem considerar também as continuidades que o caracterizaram.

53 Veja TORELLI, Mario. *Studies in the Romanization of Italy*. Edmonton: University of Alberta Press, 1995, p. 90; LEPELLEY, Claude. "Permanences de la cité classique et archaïsmes municipaux en Italie au Bas-Empire" In *Institutions, société et vie politique dans l'empire romain au IVe siècle ap. J.-C.*. Roma: École Française de Rome, 1992, p. 360 associa este cargo ao culto imperial, o que é provavelmente correto mas não exclui outras funções.

54 Para sua datação no século IV, veja LEPELLEY, Claude. "Permanences de la cité classique et archaïsmes municipaux en Italie au Bas-Empire" In *Institutions, société et vie politique dans l'empire romain au IVe siècle ap. J.-C.*, Roma: École Française de Rome, 1992, p., 360.